



Orientação Acadêmica e Profissional no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA

**Adailton Conceição de Souza<sup>1</sup>**

**Maria Thereza Ávila Dantas Coelho<sup>2</sup>**

**Sérgio Augusto Franco Fernandes<sup>3</sup>**

## **RESUMO**

O plano de reestruturação e expansão das universidades federais tem provocado, nos últimos anos, transformações nas formas de acesso, permanência e formação nas universidades que aderiram à proposta. Novos públicos têm adentrado a universidade por meio dos bacharelados interdisciplinares; dentre eles, o bacharelado interdisciplinar em saúde. A UFBA nova, nesse contexto, oferece aos seus alunos a orientação acadêmica e profissional, objetivando acompanhar os graduandos em seus itinerários formativos, que passam a ser mais singularizados. Sendo assim, o presente trabalho analisa as contribuições que a orientação acadêmica e profissional pode oferecer aos estudantes, contribuindo assim para o avanço dos estudos contemporâneos sobre a universidade e suas estratégias de afiliação.

Palavras-chave: Orientação acadêmica e profissional, educação superior, afiliação.

## **ABSTRACT**

The restructuring plan and expansion of the Brazilian federal universities has caused, in recent years, changes in the forms of access, permanence and training in universities that joined the proposal. A new public has entered the university through the interdisciplinary bachelor; among them, the interdisciplinary bachelor's degree in health. The "UFBA New", in this context, offers to the students academical and professional guidance, in order to follow the routine of its undergraduates in their formative itineraries, which become more singularized. Therefore, this paper analyzes the contributions that professional and academical guidance can offer students, thus contributing to the advancement of contemporary studies on the university and its strategies of affiliation.

Keywords: academical and professional orientation, college education, affiliation.

## **INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos, a UFBA tem passado por uma reforma denominada Universidade Nova, dentro de um contexto político mais amplo, que tem possibilitado mudanças nos princípios pedagógicos, na arquitetura curricular, nas formas de acesso e permanência dos novos discentes. A Universidade passou também a ser considerada objeto de Investigação Científica, lócus de pesquisa profícuo, visto sua complexidade historicamente pouco discutida (ALMEIDA FILHO, 2012). O presente artigo objetiva analisar as contribuições que a orientação acadêmica e profissional pode possibilitar aos sujeitos que a buscam nos meandros de seus itinerários formativos em diferentes contextos, na UFBA Nova. Através dele, esperamos contribuir para o avanço dos estudos contemporâneos sobre a universidade, seus atores e estratégias de afiliação.

Um dos pressupostos aqui adotado é que o campus é um campo, ou seja, o campus universitário constitui-se como um campo de pesquisa (ALMEIDA-FILHO, 2012). Já não há mais apenas a noção de campo, no sentido tradicional utilizado pela antropologia, enquanto ambiente distante, selvagem, primitivo. Ao invés de se falar de campos, já se ousa conceber "etnopaisagens", que são configuradas pelas interações estabelecidas entre sujeitos e meio social, cultural, político, econômico e subjetivo (numa perspectiva dialética). Portanto, a universidade é legitimamente um objeto de investigação das ciências. Sendo assim, o campus universitário é uma etnopaisagem plural e complexa, pronta a ser desvelada. É preciso reconhecer que a instituição universitária tem quase um milênio de produção de conhecimento e cultura.

Para Bourdieu (2002), a grosso modo, o campo é um espaço de posições, espaço estruturador e estruturante, onde os sujeitos se relacionam. Há vários tipos de campos nos quais os diferentes agentes estão posicionados em busca dos seus troféus específicos. Esses agentes concorrem entre si e estão em disputa pelo poder ou capital (seja ele econômico, social, cultural etc.).

A universidade pode ser pensada como um campo. Em nosso caso, os bacharelados interdisciplinares e, em especial, o de saúde (objeto deste estudo) se configuram como um campo dentro de um campo maior, que é a Universidade milenar, tradicionalmente estruturada. Sendo o campo também um lugar de tensão, cabe-nos atentar para as consequências dessa tensão nas relações interpessoais entre os alunos, em especial naqueles que almejam os cursos de alto prestígio da UFBA. De antemão, pontuamos que grande parte dos alunos do BI em Saúde está em busca da progressão linear para o curso de medicina, que é muito valorizado socialmente, como bem sabemos. Esse não é um curso qualquer, mas um que é recortado simbolicamente por representações que estão ligadas ao poder, status, cura, sacerdócio etc.

Os bacharelados interdisciplinares surgiram, na UFBA, há pouco mais de quatro anos, deliberados pelo conselho universitário desta instituição. A universidade tem passado por transformações pedagógicas e curriculares, desde então, aproximando-se, em parte, da interdisciplinaridade, que promove tensionamentos na concepção tradicional de ciência. O processo seletivo da Universidade também foi modificado, dando-se hoje exclusivamente pelo ENEM. Todas essas transformações ocorrem numa conjuntura favorável, apesar dos entraves institucionais enfrentados e dos conflitos que surgem diante das mudanças em modelos historicamente construídos e legitimados por uma comunidade. O novo e o velho coabitam a UFBA e cada sujeito que a representa. A participação do Reitorado da época foi relevante nesse ínterim, aliada ao corpo docente e discente, e a parcelas da sociedade civil organizada, que anelaram transformações (TEIXEIRA E COELHO, 2014).

## **NOVOS MODELOS DE FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA**

A educação atual convoca novos modelos de construção do pensamento. Diante das novas configurações sociais, argumenta-se que a lógica interdisciplinar, gestada a partir de meados do século XX, promoveu impactos na produção científica, reverberando também em outros campos do saber. A interdisciplinaridade é causa e consequência da criação de organizações híbridas, heterogêneas, complexas e tecnocientíficas (VELHO, 2010).

Analisando-se o quadro educacional brasileiro desde o período da colonização, passando pelo Império até as primeiras repúblicas, constata-se que o mesmo teve em seu bojo influências do saber religioso, que orientava as ações, práticas e currículos. Com a crise de 1929, houve alterações nos aspectos econômicos do país. A formação de uma burguesia urbano-industrial favoreceu o enfraquecimento dos latifundiários. Em 1930, criou-se o ministério da educação, com o governo de Vargas. As instituições políticas acabaram por invadir as escolas tradicionais, questionando, assim, o modelo religioso e propiciando outros. Entre 1930 e 1964, a história brasileira foi marcada por transformações que até hoje impactam as instituições educativas. O ensino gratuito gradativamente foi tomado pelo estado, após reconhecer a importância da educação para a formação de uma identidade nacional e a progressiva diminuição das influências religiosas católicas. Em 1937, criou-se o Estado novo, que almejava formar um exército de trabalhadores para a nação. No ano de 1964 aconteceu o golpe militar, fruto desse período histórico, caracterizado por políticas repressivas, conservadoras, respondendo aos interesses da burguesia internacional (ANDRADE, 2011).

De acordo com Almeida Filho e Santos (2008), foi também nos idos de 1960 que o modelo de universidade científico-tecnológica chegou ao Brasil, proposto por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, a pedido do presidente Juscelino Kubitschek, para a UnB. A nova concepção, advinda do modelo da Escola Nova, trazia, em seu bojo, um novo modelo de universidade perpassado pela crítica à departamentalização das faculdades e adoção dos ciclos de formação geral. O movimento da Escola Nova propunha que a educação fosse instigadora da mudança social. Entretanto, a proposta foi modificada substancialmente.

Em 1964, com o golpe militar, outros rumos foram, então, estabelecidos. As elites brasileiras aliaram-se aos Estados Unidos a fim de construir um estado opressor, conservador e produtor de submissão. Nesse tempo, verificou-se a consolidação de um modelo de educação voltado para o capital, para a moeda de troca tecida neste sistema. Constata-se que é a partir daí que a Universidade brasileira começa a ser normatizada de uma outra forma. O acordo MEC-USAID (*United States Agency for International Development, 1964-1968*) foi um divisor de águas, pois impedia-nos de produzir conhecimento, obrigando-nos, enquanto nação, a importar *know how*. Historicamente, o Brasil é visto com certa desconfiança pela dita potência norte-americana, por causa de sua extensão territorial, suas potenciais riquezas e sua possível influência no continente. Bem sabemos que as relações de poder fazem parte da configuração mundial (ANDRADE, 2011).

Para Domenico de Masi (2000), em meados do século XVII, a vida prática das sociedades passou por transformações consideráveis. O advento da revolução francesa e dos movimentos oriundos da mesma fez com que a sociedade ocidental depositasse total confiança na razão como norteadora das diferentes intervenções e ações. Sendo assim, a lógica do racionalismo perpassou a produção científica. O século das luzes abriu portas de esperança talvez nunca dantes vistas. Foi nesse período que germinaram também as sementes da racionalização do trabalho. O tempo é subvertido a favor do capital. Controlar, mensurar, verificar, produzir e lucrar são verbos que metaforizam e orientam as práticas dos sujeitos e da burguesia. Criou-se uma máquina organizacional capaz de produzir cientificamente os ditames da esteira produtiva. O advento da burguesia alterou profundamente as antigas instituições que aferiam estabilidade à sociedade feudal.

Uma das características da modernidade é a sua eterna liquidez. Mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados fazem parte deste novo cenário. Com o advento da modernidade, parafraseando Karl Marx, tudo que é sólido se desmanchou no ar. A estabilidade dos sólidos e sua resistência foram substituídas pela fluidez. Os fluidos não fixam o espaço nem prendem o tempo. Os fluidos não se atêm muito a qualquer forma. Os fluidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, vazam. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de leveza. Bauman (2001) conclui, então, que são essas as razões que possibilitam pensar metaforicamente a história da modernidade. A modernidade é um projeto que solapa as principais Instituições que tornavam sólido o período histórico anterior (BAUMAN, 2001). Dentre essas instituições, estão as de cunho educativo e formativo, a exemplo da Universidade.

## **POR UMA OUTRA ORIENTAÇÃO EM CENÁRIOS (DES) NORTEADORES**

Autores renomados, como Bauman (2010), fazem-nos olhar com estranhamento, desnaturalização e criticidade as questões da contemporaneidade ou, sendo mais fiel ao seu rigor teórico, aos desafios da modernidade líquida. Preparar os sujeitos apenas para o mercado de trabalho é reduzir a dimensão existencial e as potencialidades dos mesmos. Novos desafios se colocam para a educação em nível mundial, em especial nos países ocidentais. Em momentos de crise, os antigos modelos não mais servem para orientar os novos saberes-fazer dos atores sociais (BAUMAN, 2010). Se a educação outrora estava vinculada à estabilidade, nos tempos hodiernos essa estabilidade provoca repulsão e pavor. A alegria de livrar-se de algo ou de descartar é a verdadeira paixão da modernidade líquida e multifacetada.

A universidade, instituição milenar, também experimenta mudanças, pois tem que se repensar nesses cenários. Segundo Coulon (2008), é no primeiro ano universitário que há considerável evasão dos alunos, no ensino superior, trazendo uma série de prejuízos, inclusive de ordem financeira, aos cofres do Estado, que são mantidos com os impostos da coletividade.

A primeira tarefa que um aluno deve realizar ao adentrar a Universidade é aprender o ofício de estudante. Se outrora o grande problema era conseguir entrar na universidade, hoje já houve transformações relevantes. O desafio que também se coloca é a permanência nela. Houve um crescimento considerável da demanda pela formação superior, que tem a ver com complexas questões sociais, econômicas, culturais e subjetivas. Urgem novas estratégias que possibilitem o acolhimento dos “alunos não tradicionais”, ou seja, aqueles que, em tempos passados, não adentravam nesses espaços. A entrada na universidade é uma passagem (no sentido antropológico do termo): necessário se faz passar do estatuto de aluno ao de estudante e, como toda passagem, uma iniciação realizar-se-á. Os estudantes que não conseguirem se afiliar fracassam – esta é a hipótese que se coloca. Afiliação é o método através do qual alguém adquire um status social novo e a Universidade, dentre outras instituições, tem uma funcionalidade simbólica oriunda historicamente da cultura ocidental (COULON, 2008). Domenico de Masi (2014) afirma, em seu livro *O futuro chegou: modelos de vida para uma sociedade desorientada*, que as sociedades modernas têm sido marcadas pelo sentimento invasivo de desorientação e medo, marcas da sociedade pós-industrial. De acordo com Almeida Filho e Boaventura Santos (2008), a universidade foi inventada; não nasceu pronta. Sua primeira função foi a de ser guardião da cultura e do saber ocidental, no sentido mais amplo possível. Só no *a posteriori* foi passando por modificações que lhe deram como função a formação profissional. Na universidade clássica, apenas as elites nela habitavam. A complexidade do tempo presente tem provocado três grandes crises: a crise da hegemonia, na qual se verifica uma busca por conhecimento em outras instituições, para além universidade; a crise de legitimidade, onde se observa o questionamento das hierarquias entre os saberes socialmente construídos; e a crise institucional, devido às pressões sociais, no sentido de busca por eficácia, produtividade e responsabilidade social.

Para Freud (1919/1980), a universidade deve ser concebida como instituição responsável pela construção do conhecimento, que ultrapasse as barreiras das diferenças entre as nações e de toda ordem, com o intuito de mostrar à humanidade até que ponto é possível conhecer o mundo e controlá-lo. Tal empreendimento, afirma, possibilitaria à humanidade perceber os efeitos do longo percurso de construção do saber.

A contemporaneidade tem sido também marcada por novos paradigmas, que questionam antigos modelos em educação:

“(...) um novo paradigma educacional deve trazer a compreensão da existência de interconexões entre os objetos, entre os sujeitos, entre sujeito e objeto, promovendo-se a abertura de novos diálogos entre mente/corpo, interior/exterior, consciente/inconsciente, indivíduo/contexto, ser humano/mundo da natureza. Em síntese, um paradigma que traga uma visão que o todo é coisa fundamental e todas as propriedades fluem em sua direção. É preciso compreender o mundo físico em uma rede de relações e não como uma entidade fragmentada (NEDER, 2005, p. 9).

Verifica-se, então, que o conhecimento começa a ser concebido de outra forma: não apenas como algo estático, mas como processo e em transformação dialética. A separação ente sujeito-objeto-processo de observação já não se sustenta. A interligação é defendida incontestavelmente. Há alteração na compreensão do que seja a função do professor, defesa de relações mais horizontalizadas, mudanças nas concepções curriculares (que refletem o questionamento à noção de pacotes formatados de disciplinas e de "grade"). A dimensão tempo/espaço também passa a ser relativizada (NEDER, 2005).

## **(RE)PENSANDO A ORIENTAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL**

Diante das novas configurações do ensino superior brasileiro, é também relevante analisar as contribuições que o processo de orientação acadêmica e profissional pode possibilitar na construção de estratégias coletivas e singulares de entrada/pertencimento à vida universitária. A orientação acadêmica tem se configurado como um dispositivo institucional que pode favorecer a produção de estratégias para lidar com as demandas universitárias, podendo também favorecer a implicação dos sujeitos, respeitando a dimensão temporal dos percursos e itinerários de cada um, ou seja, a singularidade, sobretudo em "tempos modernos", nos quais se afirma que "tempo é dinheiro" (SAMPALIO, 2011).

O que seria orientar em tempos de crise?

Segundo Bock e Aguiar (2011), orientar é uma tentativa de conscientização das possibilidades que têm as pessoas de analisar seu entorno e a si mesmas: dito de uma outra forma, de fazer leituras outras do meio sociocultural onde habita e da pele que habita, ou seja, de sua subjetividade, que é produzida em relação com a materialidade da vida. A orientação tem uma função singular na universidade, não apenas entre os jovens do ensino médio. Atualmente, não apenas os jovens, mas outros atores sociais, demandam o saber universitário.

Diferentes posicionamentos epistemológicos, filosóficos e teóricos estão, de certa forma, presentes nas práticas dos profissionais que trabalham com orientação profissional. Apesar de diferentes nomeações - vocacional, ocupacional, profissional, de carreira -, todas as práticas auxiliam na tomada de decisão dos sujeitos em crise no tocante a uma escolha a seguir; neste caso, a escolha de uma profissão. Pensar nos limites e possibilidades de atuação dos profissionais desse campo, nos faz perceber a necessidade de lógicas mais interdisciplinares. Psicólogos, pedagogos, sociólogos, dentre outros, são convocados a atuar nessa área. É no trabalho de orientação que se pretende estimular a reflexão sobre a multiplicidade de aspectos envolvidos na construção do futuro de uma pessoa (BOCK & AGUIAR, 2011).

Somos uma sociedade orientada para o futuro. Entretanto, diversas teorias questionam essa lógica, repensando e questionando nossa relação com o tempo. Santo Agostinho é um pensador clássico que nos ajuda a refletir sobre tais questões. O mesmo se interrogou, nos interrogando, por conseguinte:

"(...) Que é, pois, o tempo?

Quem pode explicá-lo clara e brevemente (...)?

O que é, por conseguinte, o tempo?

Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me pergunta, já não sei." (SANTO AGOSTINHO, 2001, p. 111).

Para Neder (2005), há discussões fundamentais em escritos de diversos autores sobre o tempo. Apropriando-se das formulações de Merleau Ponty, afirma que o tempo só existe quando pensado e articulado a uma subjetividade concreta, visto que o tempo é estrutura e estruturador da subjetividade. O tempo reveste-se da subjetividade do sujeito. O tempo é uma relação da subjetividade com o presente eterno das coisas. Não há tempo fora do sujeito. O tempo é a arquitetura da subjetividade. Dessa maneira, "o tempo é o tempo de cada um" (NEDER, 2005, p. 9). O tempo também deve ser pensado em sua articulação com as contingências culturais.

Em *Modernidade líquida*, Bauman (2001) afirma que a história do tempo começou com a modernidade. Eis uma assertiva instigante: a modernidade provoca mudanças consideráveis na vivência de tempo e espaço dos sujeitos. A estabilidade das sociedades, com o advento desse novo tempo, foi rompida. A modernidade é consideravelmente fluida e esta característica traz alterações na condição humana; ansiedade e dúvidas são sintomas deste novo tempo. Este é um tempo de crises e do não ter tempo; tempo volátil e escorregadio; tempo da eterna novidade.

Ao analisar a constituição do campo da orientação profissional, chega-se à conclusão de que a mesma passou por quatro estágios teórico-práticos: 1. Informativo; 2. Psicométrico; 3. Clínico; 4. Político e Social. O primeiro estágio foi marcado pelas palestras informativas, nas quais as profissões, suas exigências e perspectivas eram apresentadas. No estágio psicométrico, já não havia tanta valorização da realidade do mercado de trabalho, mas das características pessoais dos indivíduos. Nesse caso, o orientador avaliava a inteligência, as aptidões motoras, sensoriais etc. No estágio clínico, é considerado, sobremaneira, o papel ativo do indivíduo, seus recursos e capacidade de autocompreensão. Por fim, o estágio didaticamente nomeado como político e social enfatiza a compreensão e análise dos contextos sociais e políticos e suas complexas configurações (LEHMAN, 2010). Todos esses modelos de orientação profissional coexistem atualmente em maior ou menor predominância. Quando comparados, devem ser analisados de forma crítico-reflexiva.

Define-se a orientação profissional como um processo pelo qual o indivíduo é ajudado a escolher e a se preparar para o ingresso e progressão numa profissão. Pensada como espaço institucional, a orientação profissional teria a função de intermediar a relação entre o sujeito que “escolhe” e o mercado de trabalho. O homem certo, no lugar certo, seria ainda o pano de fundo de tal empreitada (LEHMAN, 2010).

Ainda segundo Lehman (2010), a década de 1990 marcou o início de consideráveis mudanças no mercado de trabalho, ocasionadas pelo agravamento da lógica neoliberal. Uma das consequências dessas mudanças foi o esvaziamento do espaço vital e de subjetivação do sujeito, por meio do trabalho.

Para Bauman (2010), há, na sociedade dita pós-moderna, novos cenários. O derretimento dos grilhões e das algemas da antiga ordem fez com que tudo se tornasse mais fluido, flexibilizado, desregulamentado. A liberalização da economia, de certa forma, desautorizou o Estado enquanto agente capaz de intermediar as relações entre sociedade civil e classe dominante. Os mercados financeiros, imobiliários e de trabalho tornaram-se mais flexíveis, sob a égide deste novo tempo.

Uma questão aqui se coloca: quais seriam, então, os impactos desse novo cenário nos processos de orientação profissional e acadêmica, nas universidades brasileiras?

Dito de outra forma, parafraseando Bauman (2010), quais seriam os impactos desses novos arranjos sociopolíticos e econômicos nas escolhas dos sujeitos, em seus projetos de vida individuais e coletivos?

Lehman (2010) corrobora Bauman (2010), quando também afirma que vivenciamos novos paradigmas e contextos que são perpassados pela ruptura e imprevisibilidade. Sendo assim, o campo da orientação profissional passa por uma nova dinâmica, visto que o mercado de trabalho também se (des)configurou. Viveríamos não mais a era de *Chronos*, mas a de *Kairós*. E como seriam essas eras?

Na era de *Chronos*, o tempo é linear, contínuo e previsível. Os eventos acontecem em linha sucessória. Tal como a linha de montagem da fábrica fordista, seria esse tempo sua metáfora.

A era de *Kairós* subverte essa lógica temporal. *Kairós* é o tempo não absoluto, descontínuo, não linear. Nele, os eventos acontecem de forma pouco previsível. Ainda segundo a autora, os novos modelos de vinculação com o trabalho modificam sobremaneira o processo de orientação profissional. Haveria, nesse novo espaço-tempo, uma fragilização das instituições e conseqüente desorientação profissional.

A UFBA, a partir do momento em que cria os Bacharelados Interdisciplinares, promove mudanças significativas no modelo de formação universitária, pois já não se privilegia aí a lógica linear e dos currículos formatados (ou “grades” curriculares), mas abre-se, de certa forma, à imprevisibilidade, aos novos cursos,

aos itinerários singulares. Uma universidade que abarque as dimensões da ciência, das artes e das humanidades é promotora do diálogo com o tempo presente. Bem sabemos que todas as Instituições começam a se repensar diante dos novos cenários.

O repensar não é algo simples, pois envolve, parafraseando Morin (2008), reformar dialeticamente o pensamento e a própria reforma. A reforma do pensamento implica reforma do ensino e isto provoca resistências por parte dos que foram ensinados a atuar de outra forma. O novo modelo de ensino pode nos ajudar não apenas a transmitir um saber, mas a promover a construção de culturas que possibilitem melhor compreender nossa condição social e nos ajude a viver. Saberes fragmentados, compartimentados entre disciplinas estanques pouco ajudam a analisar a complexidade da vida.

A globalização ocorre em paralelo a processos macroeconômicos, tecnológicos e de fomentação de novas subjetivações. Não se pode negar os conflitos existentes. Em se tratando de Universidade, muitos se questionam se o Brasil, por exemplo, possui uma Universidade. A Universidade científico-tecnológica data dos primórdios da era industrial. Atualmente, a Universidade tornou-se uma instituição de altíssimo grau de complexidade. Torna-se Instituição de inclusão social, ainda mais quando acolhe novos públicos.

Lehman (2010) sabiamente utiliza os recursos mitológicos e fundantes de nossa civilização, para pensarmos nossa “não gravidade” nos tempos contemporâneos. Uma mudança paradigmática aconteceu e ainda estamos em fase de adaptação (talvez eterna). Hoje, já não se orienta apenas adolescentes e jovens, mas também adultos empregados, desempregados, aposentados, que buscam novas profissões etc.

Soares (2002), após 15 anos de sua primeira pesquisa sobre orientação profissional, percebeu que muita coisa mudou. As universidades federais, diante dessa nova realidade, se veem em uma de suas crises. Talvez a crise seja o “significante mestre” deste novo tempo. Tempo onde não se tem tempo, talvez um tempo atemporal. Em se tratando da universidade pública e federal, verifica-se que numerosos são os pedidos de trancamento de matrícula, troca de curso e abandono. Observa-se também profissionais de nível superior em outras áreas, salários defasados, precarizações nas relações de trabalho, demissões em massa sem aviso prévio e tentativa de desregulamentação e flexibilização das leis trabalhistas, com a justificativa ideológica de que vivemos em um país com leis paternalistas.

Imbuídos dos conhecimentos sócio antropológicos, sabe-se que variadas culturas produziram, em seu íterim histórico-cultural, formas de demarcar as diferentes etapas da vida. Os ritos de passagem, portanto, fazem parte da organização da existência humana. Para muitos pensadores das ciências humanas, os rituais são demarcadores simbólicos profundos, pois marcam uma transição, aferindo novos papéis aos sujeitos. Valoriza-se, então, ao realizá-lo, o indivíduo dentro de um contexto grupal. Um ritual será profícuo, quando a estrutura social for forte, perpassado pelo sentimento da existência de uma coletividade, de um espírito coletivo. Em linguagem durkheimiana, poderíamos dizer da existência de uma consciência coletiva que é maior que a soma dos indivíduos (DURKHEIM, 1999). O todo, nesse caso, seria maior que a soma das partes. Na sociedade “líquido-moderna”, sendo os laços mais frouxos, isso não se daria, pois, em se tratando de sociedades ocidentais, há pouco espaço para os ritos de passagem. A perda desses laços favorece a fragmentação no tecido social e, conseqüentemente, a fomentação de homens sem gravidade (DURKHEIM, 1999; BAUMAN, 2001; MELMAN, 2003).

Outra questão, portanto, se impõe: quais impactos essas novas configurações causariam nas relações interpessoais, nas escolhas profissionais e acadêmicas dos diferentes sujeitos?

Diante deste novo contexto, dar-se-ia o fim do trabalho, como conhecemos?

Pontuamos aqui que, para a psicologia sócio-histórica, toda atividade humana efetuada sobre o mundo é trabalho. O trabalho seria a capacidade que os humanos possuem de transformar a realidade sendo, conseqüentemente, por ela transformada. Enquanto homens e mulheres em movimento, reconhece-se que somos produtos e produtores da sociedade na qual habitamos. Há que se considerar os aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais para tentarmos compreender a complexidade e multideterminação das ações humanas, bem como de suas escolhas. O trabalho não se refere ao emprego apenas, até porque trabalho

implica construção de subjetividades em movimento e empoderadas, o que não ocorre em muitas profissões e organizações (BOCK, 2009).

Soares (2002) afirma que o trabalho sempre ocupou um espaço muito importante na vida das pessoas, mesmo quando ele não é escolhido. Para a autora, o trabalho é, para muitos, uma não-escolha. Afinal de contas, o que seria escolha?

Quais seriam os determinantes da escolha acadêmica e profissional?

Em se tratando da Universidade Federal da Bahia pós-Reuni (Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais)[1], a orientação acadêmica e profissional pode ser compreendida como um dispositivo que favorece os processos de afiliação à universidade, já que a promoção de afiliações intelectuais e institucionais são poderosíssimas para a construção de itinerários singulares e com sentido para a vida dos estudantes (COULON, 2008).

Revisitando Coulon (2008), afirmamos que uma das primeiras e imprescindíveis tarefas de um aluno, ao adentrar a universidade, é aprender o ofício de estudante. O principal problema que encontram na cena universitária é a dificuldade em manter-se, visto que devem ser marcados pelo sentimento de pertença a este contexto. O referido autor verificou que a evasão e o fracasso estudantil dão-se quando não há afiliação, ou seja, não há a passagem da condição de aluno a estudante, ao ofício de estudante. "Tornem-se estudantes profissionais", eis o mandato que a universidade faz aos que querem ser universitários, parte do todo (COULON, 2008. p.36).

Teixeira (2011), ao discorrer sobre os processos de afiliação à universidade, corrobora Coulon (2008), afirmando que o processo de afiliação se dá quando há um ambiente favorável à compreensão e apropriação do mundo universitário. O primeiro ano é decisivo para "aprender a Instituição", sendo essencial, afirma Coulon (2008), afiliar-se intelectual e institucionalmente. Aprender é também aprender-se. Escolher é posicionar-se!

Conforme Lehman (2010), imprescindível se faz repensar a função dos profissionais que atuam no campo da orientação profissional. A contemporaneidade tem provocado impactos na relação que estabelecem os sujeitos com o mundo do trabalho e com o tempo. "Novos paradigmas e contextos se impõem devido à nova realidade de contínua ruptura e imprevisibilidade" (LEHMAN, 2010, p. 20). Há um novo amanhecer marcado pela constante mudança.

Para Sampaio (2011), a universidade brasileira não tem o hábito de dar visibilidade aos autores que compõem sua complexa e dinâmica cena. A mesma não possui, historicamente, estudos sobre si mesma e sobre os itinerários e dilemas dos diferentes grupos de jovens e adultos que por ela circulam, pois os concebe como usuários apenas de seus serviços educacionais. É na universidade que parcela considerável de jovens realiza a transição para a vida adulta, pois temos como um dos demarcadores dessa passagem a escolha e efetivação da profissão.

A sociedade brasileira, nos últimos anos, tem passado por transformações significativas, pois estudantes das camadas sociais menos abastadas têm entrado na universidade, provocando a necessidade de repensar a dinâmica institucional, visando a permanência deste público e de outros. A orientação é, portanto, estratégia de necessidade primeira.

## **(IN) CONCLUSÃO**

Diante dos novos cenários, as organizações milenares precisam repensar a si mesmas e o seu público, que muitas vezes não é escutado em suas visões de mundo, percursos e escolhas. A orientação acadêmica e profissional, numa universidade que repensa suas estratégias de afiliação, promove contribuições significativas a uma geração que tem experimentado cada vez mais os perigos da desorientação demasiada. Um espaço para que os sujeitos falem de suas angústias, e repensem suas escolhas e estratégias, é defendido por muitos profissionais e pesquisadores.

A experiência do BI em saúde da UFBA tem sido um terreno fértil de produção teórica e prática (um verdadeiro campus, campo ou etnopaisagem, como queiram), que nos ajudam a olhar para os contextos educativos universitários de outra forma. Uma nova geração está sendo formada, cabendo aos adultos do tempo presente promover espaços de acolhida do novo, que emerge para relacionar-se com o antigo que nos habita. Em uma sociedade que precariza e liquefaz as relações, urge orientadores e orientadoras que, tal como o filósofo ateniense Sócrates, façam o sujeito se interrogar. É importante também pensar sobre o lugar que o adulto, um dos representantes da tradição, ocupa numa sociedade que tem prolongado a adolescência e a juventude, bem como destituído por vezes demasiadamente tudo o que lembra passado, em nome de um futuro desnordeante e não sustentado pelas raízes do passado que poderiam melhor fincar os sujeitos, ajudando-os, assim, na construção de seus itinerários.

A orientação acadêmica, nesse cenário, pode favorecer a permanência dos estudantes na universidade, pois nela há o acompanhamento de um professor/tutor (um outro experiente) que faz a função de orientador, contribuindo para a resolução de problemas pedagógicos e daqueles do cotidiano universitário. Importante se faz destacar que o projeto de orientação acadêmica dos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA é pensado abarcando a dimensão da orientação profissional, pois há nas entrelinhas uma nova concepção de formação universitária, para além da lógica restrita de preparo de mão de obra sujeitada aos ditames do mercado de trabalho. Em tempos de não gravidade ou de liquefação, a orientação acadêmica e profissional pode também ser um instrumento bastante eficaz, ainda mais dentro de um contexto que tensiona a lógica da grade curricular, oferecendo aos seus discentes mais maleabilidade e menos rigidez nos processos formativos. De um tempo *Chronos*, adentra-se, assim, ao tempo de *Kairós*. Aqui mais uma vez ponderamos que uma passagem há que se fazer ou convívio entre ambas as dimensões do tempo, visto não sermos orientados apenas para o futuro, pois o passado também nos habita e sustenta o presente e futuro.

Novas identidades e roupagens são construídas; conseqüentemente novas formações são inevitáveis para lidar com a complexidade do tempo presente, almejando um pouco mais de solidez numa sociedade que aparentemente se liquefaz. É desejável que as janelas abertas dos novos saberes e modos de existência possam ter, na universidade, espaços de acolhida e construção do saber, aprendendo a conviver com os antigos saberes e suas roupagens. Sendo assim, a orientação acadêmica e profissional é uma possibilidade de espaço-tempo promotor de novas subjetivações. Promover mini afiliações é possibilitar a promoção de macro afiliações, e vice versa, pois transformações políticas, culturais, econômicas e subjetivas estão imbrincadas nesse processo. Não havendo apenas dicotomias, é necessário que ampliemos os olhares.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, N. O campus universitário como campo (de pesquisa). In: SANTOS, G. G. ; SAMPAIO, S. M. R. (Orgs). **Observatório da vida estudantil. Estudos sobre a vida e culturas universitárias**. Salvador: Edufba, 2012. p.61-83.
- ALMEIDA FILHO, N.; SANTOS, B. V. **A Universidade no século XXI: para uma Universidade Nova**. Coimbra: Edições Almedina, 2008.
- ANDRADE, L. Q. Identidade profissional – Uma experiência metodológica na escola- empresa. In: BOCK, A. M. B.; AGUIAR, W. M. J. **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 185-208.
- BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOCK, A. M. M. (Org). **Psicologia e o compromisso social**. 2ª edição revista. São Paulo: Cortez, 2009.
- BOCK, A. M. B.; AGUIAR, W. M. J. Por uma prática promotora de saúde em orientação vocacional. In: BOCK, A. M. B. (Org). **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 09-22.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Decreto n.º 6.096, de 24 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades

Federais – REUNI. Brasília, DF, abr. 2007.

COULON, A. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

DE MASI, D. **O futuro chegou: modelos de vida para uma sociedade desorientada**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2014.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. [tradução Eduardo Brandão]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREUD, S. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1980. V. 17. p.213-220.

LEHMAN, Y. P. Orientação profissional na pós modernidade. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. **Orientação vocacional ocupacional**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 19-30.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade – Gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2003.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NEDER, M. L. C. **A orientação acadêmica na educação à distância: a perspectiva de (res)significação do processo educacional**. Minas Gerais: UFMG, 2005.

SAMPAIO, S. M. R. (Org). **Observatório da vida estudantil: Universidade, responsabilidade social e juventude**. Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**, Livro XI. Lisboa: In-CN, 2001. p.111-122.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional em questão: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.

TEIXEIRA, A. M. Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. In: SAMPAIO, S. M. R. **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: Edufba, 2011. p.27-51.

TEIXEIRA, C. F. S.; COELHO, M. T. A. D. **Uma experiência inovadora no ensino superior: Bacharelado Interdisciplinar em Saúde**. Salvador: EDUFBA, 2014.

VELHO, O. Os novos sentidos da Interdisciplinaridade, **Maná**, v.16, n.01, p. 213-226, 2010.

1. Psicólogo. Cientista Social. Psicanalista em formação. Especialista em Psicologia Clínica. Professor Universitário. Mestrando em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade. Membro do grupo Estudos sobre a Universidade. Email:adailtonsouza12@gmail.com
2. Psicóloga. Psicanalista. Doutora em Saúde coletiva. Professora adjunta do instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC/UFBA). Membro do grupo de pesquisa Estudos sobre a Universidade. Email:therezacoelho@gmail.com
3. Filósofo. Psicanalista. Doutor em Filosofia, Professor da UFRB, Centro de Artes, Humanidade e letras. Líder do grupo de Estudos e Pesquisa em filosofia, com ênfase em filosofia moderna e contemporânea-CAHL/UFRB. Email: sergioaffernandes@gmail.com

[1] O REUNI (Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) objetiva dotar as universidades federais de condições necessárias para a expansão e favorecimento da permanência dos novos alunos. Assim, o REUNI tem como meta primeira elevar a taxa de conclusão nos cursos de graduação para noventa por cento (BRASIL, 2007).

Recebido em: 28/06/2014

Aprovado em: 29/06/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: